

O beijo na parede

(excerto)

Jeferson Tenório

1.

Eu estava tomando café da manhã quando vi o Ayrton Senna se espatifar na curva Tamburello. Era 1º de maio. Um ano depois, no mesmo dia, minha avó também se arreventou num poste na Av. Protásio Alves. Ela estava num táxi, era um fusca. Batida feia. Seu Ramiro, que é muito experiente, disse que no fim das contas todo mundo um dia vai bater de frente numa parede. Disse também que devemos nos preocupar com isso desde o início, pois mal aprendemos a limpar a bunda e já temos que saber que as pessoas quebram mesmo a cara, e que depois de aguentar uma vida inteira somos colocados num buraco e enterrados para sempre. Até o Ayrton Senna foi para um buraco, e isso que ele era campeão do mundo. O engraçado é que quando se está vivo, com saúde, ninguém pensa nessas coisas. Já notei que as pessoas chegam até a acreditar que são eternas. E pensam dessa forma porque têm necessidade disso para viver. Antes de a minha mãe morrer eu não conhecia a tristeza. Mas, quando ela se foi, deixei de ser ignorante nesse assunto. Também acho isso engraçado, porque ela morreu acreditando que eu seria feliz, que eu teria uma vida pela frente para ser o que quisesse. E há uma infinidade de coisas que se pode fazer no futuro. Fico muito impressionado com os planejamentos que as pessoas fazem a toda hora. Vai ver é por isso que elas dão tanta importância para ele. Mas quero dizer a vocês que não gosto do futuro. Nem dos planejamentos. Também quero acrescentar que sou um menino meio precoce. E quando a gente ganhar mais intimidade, eu conto por que fiquei assim. Se vocês acharem que vale a pena, eu conto.

Desde cedo aprendi que chorar não resolve muita coisa, embora o seu Ramiro tenha me dito certa vez que não há como escapar, pois de uma forma ou de outra, temos que carregar alguma dor. Mas é preciso dar um desconto pra ele, pois além de ser uma pessoa de idade, ele também é triste. E depois que se tornou velho a única coisa que soube fazer foi aprender a doer.

Não estou acostumado com pessoas interessadas em mim. Também nunca fui urgente para alguém. Isso me preocupa um pouco. Sei que a preocupação faz mal para a cabeça. Por isso estou contando a minha vida, pois não quero me tornar uma pessoa atacada dos nervos como a Estela ou a dona Dinorah. Hoje em dia as crianças são todas atacadas dos nervos.

Fui um aluno fraco e lerdo. Sei porque eu via isso na cara dos professores e eles tinham pena da minha lerdice. Achavam até que eu tinha uma espécie de autismo. Ou talvez que eu fosse retardado mental. Por conta disso, colecionei muitos boletins lamentáveis. E na escola aprendi que professores não acreditam em alunos lerdos. Eu era perseguido pela escola até em casa, quando ligavam para minha mãe e solicitavam a presença dela. Os professores reclamavam que eu era um menino lento para a aprendizagem e que o motivo das minhas reprovações era causado pela minha desatenção. Demorei três anos na primeira série para entender que "b"

com "a" dava "ba". Três anos. É sério. Três anos para fazer uma coisa besta dessa. Sempre fui um aluno fraco, mas não vou me esticar nesse assunto. Mais tarde voltarei a falar disso, pois pretendo contar quem é o responsável pela fraqueza dos homens.

Quando me tornei maior, mudei meu comportamento na escola, daí fui acusado de ser hiperativo. Aliás, todos os meus colegas resolveram ser hiperativos. O que era bom, porque quando a gente aprontava era só colocar a culpa na hiperatividade. Minha mãe e meu pai nunca me bateram por causa disso. Meu pai porque bebia e, às vezes, se esquecia de mim. Minha mãe porque era muito doce. É só depois de algum tempo que nos damos conta de que a mãe da gente é doce e amável. Antes disso, somos idiotas, porque ficamos muito mal-acostumados chorando e esperneando por qualquer coisa. Acho que sempre fui lento. Só fiquei esperto mesmo depois que ela morreu. Um dia, até pensei que eu fosse eterno. E há uma quantidade imensa de bobagens que a gente pensa quando se é ignorante.

Não vou encher vocês falando de todos os lugares onde morei. Sei que estão interessados em saber outras coisas - os adultos sempre se interessam por coisas esquisitas. Mas acho que vale a pena dizer que a gente morava em Copacabana, na Ladeira dos Tabajaras. E também que estudava na escola Cícero Pena, na Av. Atlântica. Na terceira série, depois que já havia superado "ba", aprendi a matar aula para dar uns mergulhos na praia. Confesso que nunca achei nada demais no mar. No entanto sempre gostei dos mergulhos e de sujar o corpo todo de areia para tirar na água. Aqui em Porto Alegre é que ouço as pessoas dizendo que o mar é isso e aquilo. Mas eu sinceramente não acho. E se é por questão de água ainda prefiro a chuva. Se bem que quando chovia na Ladeira dos Tabajaras era um deus nos acuda. Nossa casa não tinha ameaça de cair morro abaixo, mas os vizinhos da parte mais alta vinham buscar abrigo na nossa sala. Sem contar os alagamentos no pé da ladeira, que deixavam todo mundo ilhado. E esse foi um dos motivos que fez a gente se mudar para a Lapa. Eu disse que foi um dos motivos porque, além dos alagamentos, havia também os tiroteios por causa das brigas dos traficantes. E, como eu já disse, minha mãe queria que eu tivesse um futuro. Então fomos para a Lapa ter um futuro.

Foi meu padrinho que nos convidou. Ele já morava lá um tempão. Vocês devem saber que a maioria das crianças tem padrinhos. No entanto, algumas têm anjos em vez de padrinhos. Mas anjos não são muito bons porque não dão presentes. E só servem mesmo pra gente rezar quando estamos nos fodendo na vida. Meu padrinho se chamava Cláudio, e não costumava me dar presentes, mas era uma boa pessoa. E acho que na vida é isso que conta. Ele era cabeleireiro, trabalhava em Copacabana. Eu estudava pela manhã e à tarde ficava com ele. O salão era dentro de uma galeria na Av. Nossa Senhora de Copacabana. Na galeria tinha de tudo: salão de beleza, bazar, assistência técnica de televisão, chaveiro e cartomante. Havia também a sala das prostitutas. Mas eu não chegava perto da porta, até porque eu vivia na ignorância e não sabia ao certo o que aquelas moças faziam, mas como eu já disse, sou um menino meio precoce e depois eu digo quando fiquei de pau duro pela primeira vez, se isto tiver alguma importância para vocês.

Meu padrinho já era velho, negro, magro, os cabelos rigorosamente aparados, Não gostava de sorrir. Era uma pessoa séria, elegante e profissional. Antigamente ele era barbeiro, só cortava cabelos de homens e não havia tanta frescura. Mas os tempos mudaram e ele teve que se adaptar, Muitos homens passaram a querer ser

jovens para sempre. E também queriam o mesmo tratamento de cabelo que as mulheres, e não estou falando dos travestis, mas dos homens que não aceitam ser feios. “Os homens mudaram muito.” E era isso que meu padrinho viva repetindo para si. Aos poucos ele viu sua clientela mudar. Antigamente pediam para ele aparar o cabelo, fazer as suíças, passar a navalha “à contrafeita”. Depois tudo mudou: eles entravam querendo que o padrinho fizesse desenhos nas cabeças deles, pediam escovas, reflexos, relaxamentos e chapinhas. Com essas novas tendências meu padrinho foi obrigado a se adaptar. Então ele resolveu fazer uma sociedade com a dona Ivone do salão da frente. Dona Ivone sabia tudo sobre relaxamentos e chapinhas. Era uma mulher realmente muito gorda e a sua bunda ocupava duas poltronas. Nunca pensei que alguém pudesse ter uma bunda tão grande. Além disso, era uma pessoa que suava bastante e também era muito gritona. Ficou combinado que meu padrinho só cortaria cabelos e faria as barbas. Todo o resto ficaria a cargo da dona Ivone. Aliás, ela arrumava o cabelo de muita gente, inclusive de algumas atrizes da TV. Na verdade, não eram bem atrizes, pois elas só faziam pontas e figurações. Era o caso da dona Gema, que também não aceitava a velhice e toda semana tentava ser jovem no salão do meu padrinho. Dona Gema se orgulhava de ter aparecido duas vezes na novela *Fera Ferida*. Ela era uma das pessoas que caminhavam pra lá e pra cá nos cenários de rua. Agora, ela foi convidada para aparecer na novela *Corações Solitários*. Disse também que ia fazer o papel de uma vendedora de cachorro-quente. Ela ia aparecer por 20 segundos vendendo um cachorro-quente para o Antônio Fagundes. E nesse momento o salão parava porque dona Gema dizia que era muito do Antônio Fagundes. E que ele até já tinha convidado pessoalmente para fazer uma novela, na qual ele seria um milionário, e ela, a governanta da casa. E sinceramente até hoje ainda não sei para que servem as governantas. Nesse momento a mulherada do salão ficava de boca aberta. Mas havia as outras que não acreditavam muito naquela conversa.

“Antônio Fagundes. Sei. Se ele é tão teu amigo por que você não pode pra ele te tirara do Méier? Hahaha”, disse uma delas. Mas dona Gema não deixava por menos.

“Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Sou uma atriz profissional. Não misturo as coisas, queridinha.”

“Profissional? Hahaha!”

“Tá rindo de quê? Pelo menos não preciso mentir que moro em Botafogo.”

“Mas eu moro em Botafogo.”

“Mora coisa nenhuma. Você mora na Vila Kennedy!”

E logo quando ia começar em bate-boca, meu padrinho intervinha:

“Oh, gente! Assim não dá! Assim eu me desconcentro.”

Era a única coisa que meu padrinho sabia dizer nesses momentos. E mesmo depois da cara feia dele a discussão continuava baixinho.

Naquela galeria era muito divertido. Eu tinha um carrinho de fricção e ficava no corredor brincando com ele pra lá e pra cá. Até a hora de a minha mãe chegar. A gente esperava o meu padrinho terminar o serviço dele para irmos juntos. Minhas mãe vinha sempre muito cansada. Ela era caixa de um supermercado na Rua

Siqueira Campos. Meu pai nunca estava em casa quando a gente chegava porque estava na rua ou pelos bares.

Nos fins de semana era bom porque todo mundo se encontrava de folga no cortiço da Lapa. Menos meu pai, que ainda andava por aí. A função no cortiço começava cedo como barulho dos bondes, pois o prédio localizava-se exatamente embaixo dos arcos da Lapa. Havia também a cachorrada. E de vez em quando algum vizinho discutia, principalmente por causa do tanque e por causa do espaço para estender a roupa. A única coisa ruim era quando eu tinha dor de barriga. O prédio tinha três andares, uns mil quartos, mas só um banheiro, que vivia sujo. Minha mãe, que era uma pessoa muito asseada, me obrigava a cagar num penico vermelho. Eu cagava atrás do sofá, pois tinha vergonha de que alguém me visse, até porque eu já tinha oito anos, e é nesse tempo que a gente começa a ter dignidade. Eu cagava cantando. A gente tinha uma vizinha que escutava o som nas alturas. E quase sempre a mesma música. Com o tempo até passei a gostar dela. Se quiserem posso cantar pouquinho:

Nada consigo fazer
Quando a saudade aperta
Foge-me a inspiração
Sinto a alma deserta
Um vazio se faz no meu peito
E, de fato, eu sinto em meu peito um vazio
Me faltando as suas carícias
As noites são longas
E eu sinto mais frio
Procuo afogar no álcool a tua lembrança
Mas noto que é ridícula
A minha vingança
Vou seguir os conselhos de amigos
E garanto que não beberei nunca mais
E, com o tempo, esta imensa saudade
Que sinto se esvai

Desculpe se sou desafinado. Mas a música era assim: triste e bonita. Então eu cagava e cantava. E isso era muito bom. Até me vinha em assomo de chorar, mas como eu disse para vocês, chorar não resolve nada, nem mesmo quando a gente vai chorar por algo que não seja causado pela dor. Não resolve.

Foi por esse tempo que apareceu um livro no chão do nosso quarto. Não sei bem como ele foi parar lá, mas ele servia para equilibrar o pé da mesa que havia

quebrado. Como eu não tinha muitos brinquedos, precisava dar um jeito de me divertir. Tirei o livro que apoiava a mesa e botei um tijolo no lugar. Era um livro de capa dura, vermelha, com dois cavaleiros desenhados em dourado. Passei a inventar histórias para me distrair. Eu ainda não sabia ler muito bem, e as crianças sempre precisam de uma ilusão. Mais tarde, quando aprendi a ler, descobri que era um livro besta. Posso dizer que, num primeiro momento, achei que se tratava da história mais idiota que alguém já escreveu.

É preciso ser muito atento para perceber quando a tristeza chega perto da gente. Nesse caso a minha mãe não era muito atenta, pois volta e meia eu a pegava chorando pelos cantos. Eu sabia que era por causa do meu pai. Ele não parava muito em casa, chegava sempre tarde, cheio de trago. Foi nesse tempo que minha mãe começou a perder a memória. Às vezes ela esquecia o que tinha feito há alguns minutos, depois ela começou a esquecer até o meu nome. Então eu me fazia de pai dela. Com o tempo aprendo que as mães gostavam um bocadinho de serem tratadas como filhas. Ela deitava a cabeça no meu colo. Eu passava as mãos nos cabelos crespos dela. Depois inventava um pouco de história e, às vezes, eu cantava, mas era só pra fazê-la sorrir, pois, como sabem, sou meio desafinado.

2.

Grande pessoa era o meu pai.

O velho me ensinou duas coisas: a primeira foi carregar tralhas, e a segunda foi deixar de chorar. Ainda pretendo descobrir para que serve um pai — não achei nenhuma utilidade para ele. Mas um dia vou saber tudo, vou ser homem, ter filhos e uma casa. É assim, está no programa. Enquanto isso vou me virando para me enquadrar.

Outra coisa que meu pai sabia fazer era partir. Cada vez que ia embora minha mãe morria um pouco. Às vezes, ela sentava no sofá e ficava me olhando.

“Teu pai é um canalha! João!”, dizia ela. “É um homem que não aprendeu a ser homem.”

E quando eu lhe dava algum desgosto, afirmava que eu era igual a ele.

Eu não acreditava, porque eu ainda não considerava um canalha. Eu ainda tinha uma visão boa dele. E ficava imaginando que meu pai voltaria com muito dinheiro e iria nos salvar da fome e da tristeza. Acontece que meu pai sempre voltava, mas sem dinheiro e muito triste.

Minha mãe estava doente. De vez em quando ela sentia uma forte dor na cabeça. Às vezes desmaiava e ao acordar custava para lembrar as coisas. Não lembrava nem do meu pai, o que era até um bom negócio, pois assim ela esquecia um pouco do desgosto.

No meu aniversário de dez anos meu pai resolveu ir embora, o que me deixou muito puto da cara. Eles passaram a noite brigando. Meu pai arrumou as coisas e saiu sem ao menos me olhar. Aquele foi o dia mais triste da minha vida. E não foi nem devido ao meu aniversário. Até porque essa coisa de idade não faz diferença

nenhuma para quem vive se ferrando. Mas porque, assim que ele se mandou, minha mãe desmaiou no pé da escada. Comecei a gritar e rapidamente o pessoal do cortiço desceu. Chamaram uma ambulância.

Naquela noite, eu e meu pai ficamos no hospital. A certa hora os médicos mandaram chama-lo. E eu já estava até preparado para o pior, pois é assim que acontece nas novelas e nos filmes: os médicos mandam chamar alguém para contar a tragédia toda. Em seguida, começa uma música de violino muito triste. E foi exatamente assim que aconteceu. Minha mãe tinha um câncer na cabeça. E p câncer não costumava dar muitas chances. Vi de longe o rosto derrotado do meu pai. E veio a maldita música de violino na cabeça. Fiquei imaginando as coisas em câmera lenta. Devo sofrer de uma doença muito grave, porque sempre que acontecem coisas tristes vejo tudo em câmera lenta, como nos filmes. Mas aquilo não era um filme. Era a minha mãe que morria. E eu ali inventando uma música triste.

Meu pai veio em minha direção.

“Tua mãe morreu”, disse.

Depois sentou do meu lado. Colocou os cotovelos nos joelhos. Apoiou a testa nas m mãos. Não disse nada. Não chorava. Na minha cabeça a música do violino ficava mais forte e meu coração começou a doer. Os meus olhos se encheram d’água. Chorei um pouquinho. Mesmo não querendo, as lágrimas desciam pelo meu rosto, e eu soluzei; meu nariz escorria. Acho que foi isso que irritou o meu pai, pois ele levantou bruscamente, me segurou pelos ombros e disse:

“Para de chorar, João. Chorar não resolve nada, entendeu?!”

Ele me deu apenas uma sacudida. E esse foi o meu consolo. Uma sacudida. Senti seu bafo de cachaça. Parei de chorar. Depois ele sentou novamente. Passou as mãos nos cabelos, como se estivesse com dor de cabeça. Mas o pior de tudo é que a música do violino persistia. E o pensamento da gente é assim mesmo: quando a gente não quer que ele pense, daí é que ele pensa. E pensa mais forte. E pensa mais difícil.

Depois desse dia foi tudo muito complicado. Meu pai não queria morar mais na Lapa, porque ficava lembrando toda hora dela, mesmo o meu padrinho dizendo que a gente podia mudar de quarto. No entanto, a lembrança é pior do que a morte. E a gente pode até mudar de quarto, mas não pode mudar de tristeza.

Meu pai nasceu no Rio Grande do Sul. Aos 16 anos se mandou para o Rio de Janeiro porque queria vencer na vida e ficar rico. Mas como podem ver, meu pai se enganou. E na vida acho que todos nos enganamos. Acontece que meu pai se enganou muitas vezes. Então, para fugirmos das lembranças de minha mãe, e dos enganos dele, viemos parar aqui no sul. Quanto a mim, não tive escolha. Evitava lembrar minha mãe. Para não chorar eu pensava em coisas que fossem melhores que a vida, e isso é uma coisa difícil, mas se a gente pensar bem acaba encontrando.

Gastamos um dia inteiro de ônibus para chegar a Porto Alegre. Nunca tinha visto tanto morro, pasto e vacas durante a viagem. Antes de chegar, a única coisa que eu sabia é que era um lugar frio, pois meu pais vivia me contando sobre a sua infância triste na Cidade Baixa, que eles não tinham isso e não tinham aquilo, que o frio era de rachar e um dia até nevou por aqui. Aí perguntei se na sua infância ele tinha

feitos bonecos de neve. “Não seja besta, garoto, você acha que eu tinha tempo para essas coisas. No meu tempo a gente só tinha tempo para trabalhar. E mais, em Porto Alegre não neva”, ele respondia com muito rancor. E não há nada pior do que escutar o pai da gente contando uma história com rancor. Daí por diante meu pai desfilava sua vida miserável no frio do sul. Mas vou dizer a vocês que Porto Alegre não é só uma cidade fria. É também uma cidade triste. Não cheguei a essa conclusão pelas histórias do meu pai, nem porque chovia naquele dia em que cheguei aqui, até porque, como já disse, prefiro a chuva ao mar. Não sei dizer qual o motivo da tristeza desta cidade, mas acho que as coisas não precisam de motivos para serem tristes.

(O beijo na parede, p. 7-17).